

Marx e o Marxismo 2015: Insurreições, passado e presente

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 24/08/2015 a 28/08/2015



TÍTULO DO TRABALHO			
O IRRACIONALISMO SERVIL PEQUENO BURGUESES COMO TENDÊNCIA PRÉ-FASCISTA: observações em torno do herói de O súdito, de Heinrich Mann.			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Bernard Herman Hess	Universidade de Brasília	UnB	Professor
RESUMO (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>Por razões históricas, a Alemanha caminha, desde a segunda metade do século XIX, para a guerra; o povo alemão, tendo lhe faltado nesse período o espírito nacional, democrático revolucionário presente na França de 1789, manifesta uma forte predisposição para continuar aceitando governos totalitários e monarquistas como o de Bismarck e de Guilherme II; o mesmo povo que recusa o modelo democrático ocidental como impróprio para o desenvolvimento da sua trajetória econômica, é dominado pelos interesses econômicos do capitalismo monopolista. A formação de concepções fortemente irracionais na Alemanha contribui para produzir o espírito servil, de obediência cega, de confiança em "autoridades" iluminadas, de esperança em soluções milagrosas. Esse espírito é captado pela literatura alemã em obras como A montanha mágica, de Thomas Mann (na figura da personagem Naphta) ou em "O súdito" de Heinrich Mann. Neste romance, publicado em 1919, Heinrich Mann constrói a personagem protagonista Diederich Hessling, que desde jovem é um fanático admirador do imperador alemão Guilherme II. Ao plasmar esse tipo humano, o autor reconstitui o panorama social e político da Alemanha do final do século XIX, narra o encadeamento de fatos e situações que levariam o povo alemão a aceitar sem reservas o militarismo, o chauvinismo, o filisteísmo, o autoritarismo, a rigidez de costumes, e o auto-engano.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ 3)			
O súdito; irracionalismo, naturalismo.			
ABSTRACT (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>For historical reasons, Germany walks, since the second half of the nineteenth century to the war; the German people, having missed him during this period the national spirit, this revolutionary democratic in France 1789, shows a strong willingness to continue accepting totalitarian governments and monarchists such as Bismarck and Wilhelm II; the same people who reject the Western democratic model as unsuitable for the development of its economic trajectory, is dominated by the economic interests of monopoly capitalism. The formation of strongly irrationalist conceptions in Germany contributes to produce the servile spirit of blind obedience, confidence in "authorities" enlightened, hope for miracle cures. This spirit is captured by German literature in works such as The Magic Mountain by Thomas Mann (in the figure of Naphta character) or "The subject" of Heinrich Mann. In this novel, published in 1919, Heinrich Mann builds the protagonist character Diederich Hessling, who from a young age is a fanatic admirer of the German Emperor Wilhelm II. To mold this human type, the author reconstructs the social and political landscape of Germany from the late nineteenth century, recounts the chain of events and situations that would lead the German people to accept without reservation militarism, chauvinism, the philistinism, authoritarianism, the rigidity of customs, and self-deception.</p>			
KEYWORDS (ATÉ 3)			
The subject, irracionalism, naturalism			
EIXO TEMÁTICO			
A luta libertadora da cultura e da arte			

O IRRACIONALISMO SERVIL PEQUENO BURGUESES COMO TENDÊNCIA PRÉ-FASCISTA: observações em torno do herói de *O súdito*, de Heinrich Mann.

Poderíamos começar esta nossa pequena incursão na crítica literária a partir da reflexão sobre a razão e a importância da criação por Heinrich Mann do protagonista do Diederich Hessling, no romance *O súdito* (*Der Untertan*). Entender a razão de existência deste personagem de ficção é compreender a sua origem histórica concreta; o que, conseqüentemente, nos levaria a compreender sua importância, igualmente histórica, ou seja, importância que se comprovou pelo posterior trágico decurso histórico, no caso deste romance, com os desdobramentos que ficariam relativamente marcadas na memória da humanidade.

A nossa indagação inicial seria, portanto: qual é a relação entre o fenômeno literário que se manifesta na Alemanha na virada do século XIX ao século XX e os eventos históricos que giram em torno desse momento específico, ou seja, dois momentos revolucionários: primeiro, os eventos históricos e ideológicos após as insurreições proletárias de 1848 e sua repressão pela burguesia (agora classe aliada à nobreza) e, segundo, a saída autoritária dada à crise da Alemanha no período subsequente à sua unificação.

É um lugar comum na crítica literária mais recente a afirmação de que este romance representa, por exemplo, o tipo humano do pequeno burguês pré-fascista, do cego e servil admirador do imperador Guilherme II, o espírito filisteu chauvinista e autoritário. Mas não demanda esforço maior para notar de que se trata de uma constatação óbvia, se considerarmos que hoje, após consumados historicamente os desdobramentos do nazifascismo, não há qualquer dificuldade em reconhecer os tipos humanos descritos no romance.

O romance *O súdito* (*Der Untertan*) trata, como dissemos, do período do império alemão da era Guilhermina; mais precisamente, a narrativa se desenrola ainda no final do século, isto é, anos em que se processa lentamente um espírito que levaria a Alemanha às duas grandes guerras mundiais. O enredo em si, a história de Diederich Hessling, se processa entre 1889 e 1897 em Berlim, em Roma e na cidade fictícia de Netzig, situada na província prussiana. Diederich era uma criança fraca que, de preferência, vivia no mundo dos sonhos e que tinha medo de tudo.

Ein weiches Kind, das am liebsten träumte, sich vor allem fürchtete und viel an de Ohren litt. Ungern verliess er im Winter die warme Stube, im Sommer, den engen Garten, (...). Wenn Diederich vom Märchenbuch, dem geliebten Märchebuch, aufsah, erschrak er manchmal sehr. Neben ihm auf der Bank hatte ganz deutlich

eine Kröte gesessen, halb so gross wie er selbst! Oder an der Mauer dort drüben stak bis zum Bauch in der Erde ein Gnom und schielte her.

Fürchterlicher als Gnom und Kröte war der Vater, und obendrein sollte man ihn lieben. Diederich liebte ihn. Wenn er genascht oder gelogen hatte, drückte er sich so lange schmatzend und scheu wedelnd am Schreibpult umher, bis Herr Hessling etwas merkte und den Stock von der Wand nahm. (p. 5)

O pai é proprietário de uma fábrica de papel. O menino Diederich o respeita e teme, enquanto que, pela mãe, não guarda respeito algum. Na escola ele toma conhecimento de uma espécie de “frio poder” (p. 8), que o faz sofrer, mas pelo qual, contraditoriamente, se orgulha.

Die Macht, die ihn in ihren Räderwerk hatte, vor seinen jüngeren Schwestern vertrat Diederich sie. Sie mussten nach seinem Diktat schreiben und künstlich noch mehr Fehler machen, als ihnen von selbst gelangen, damit er mit roter Tinte wüten und Strafen austeilen konnte. Sie waren grausam. Die Kleinen schrien – und dann war es an Diederich, sich zu demütigen, um nicht verraten zu werden.

Er hatte, den Machthabern nachzuahmen, keine Menschen nötig; ihm genügten Tiere, sogar Dinge. Er stand am Rande des Holländers und sah die Trommel die Lumpen ausschlagen. “Den hast du weg! Untersteht euch noch mal! Infame Bande!” murmelte Diederich, und in seinen blassen Augen glomm es. Plötzlich duckte er sich, fast fiel er in das Chlorbad. Der Schritt eines Arbeiters hatte ihn aufgestört aus seinem lästerlichen Genuss.

Quando, mais tarde, o jovem Diederich se muda para Berlim para cursar a universidade, sente-se solitário e exposto à mesma lógica perversa em que se formou durante a infância, mas que ali se manifesta em grau muito mais desenvolvido e refinado do que na província. Nesta fase da vida, durante a sua permanência em Berlim, o herói estabelece relações sociais que o levariam a uma convicção política profunda e definitiva, e que, de modo mais geral, se afirmava, reacionariamente, na Alemanha imperialista, contra as tendências “liberais”, que recebiam o influxo das democracias ocidentais; trata-se de uma concepção de mundo e de atitudes de um cidadão, simultaneamente, covarde e truculento, servil e autoritário.

Em determinado momento da narrativa, ainda durante o período de seus estudos universitários, em Berlim, o protagonista se vê em meio a uma manifestação de desempregados, num dia frio e chuvoso. “Er war in diesen nasskalten Februartagen des Jahres 1892 viel auf der Strasse, in der Erwartung grosser Ereignisse. (...) Die Passanten zeigten einander das Aufgebot der Macht. ‘Die Arbeitslosen!’ Man blieb stehen um sie ankommen zu sehen.” O narrador acompanha o herói e descreve detalhadamente as suas atitudes, inicialmente hostis, diante dos manifestantes –

trabalhadores que procuram, democraticamente unidos e organizados, exigir, ou melhor, *pedir*, diante do palácio do governo, oportunidades de trabalho. [Vale situar: trata-se daqueles contingentes de desempregados, conseqüência do capitalismo monopolista, que, durante a fase do império Guilhermino, invadem as ruas da Alemanha]. A narrativa exhibe esses homens desesperados deslocando-se como gado, dominados e tangidos por policiais a cavalo.

Dort standen sie stumm, die Hände in den Taschen, liessen sich von den Rädern der Wagen mit Schlamm bespritzen und zogen die Schultern hoc hunter den Regen, die auf ihre entfärbten Überzieher fiel. (...); in ihre Miene waren ohne Ausdruck, nicht drohend und nicht einmal neugierig, nicht, als wollten sie sehen, sondern als ziegten sie sich. (...) Ein Pferd mit einem schreienden Schutzmann trieb sie weiter, hinüber oder bis zur nächsten Ecke – aber schon standen sie wieder, und die Welt schien versunken zwischen diesen breiten hohlen Gesichtern, die fahler Abend beschien, und der starren Mauer dort hinten, auf de res dunkelte.

Mas, repentinamente, em meio à multidão descobre-se, para surpresa de todos, a presença do imperador Guilherme II. Era ele mesmo, em pessoa! Sem proteção pessoal. Então se processa algo inesperado nessa massa de desempregados: ela, a mesma que reivindicava meios de sobrevivência, toda essa massa é agora dominada, como por feitiço, por um sentimento de idolatria cega pela autoridade.

Viele hatten gehoben Brüste und feierliche Mienen. Die Herren, die dem Kaiser folgten, blickten mit äussersten Entschlossenheit darein, ihre Pferde aber lenkten sie durch das Volk, als seien alle die Leute zum Statieren bei einer höchsten Aufführung befohlen; und manchmal schielten sie seitwärts, nach dem Eindruck im Publikum.

A massa é descrita agora não mais como homens desvalidos, de olhar sóbrio, impotentes; agora, na presença honrosa do imperador, são transformados em senhores que caminhavam de busto ereto, com expressões solenes. Esse público é descrito pelo narrador do romance como um conjunto de figurantes ordenado a entrar em cena numa grandiosa apresentação teatral. Enquanto todos ali agora caminhavam movidos, enfeitados, pela honrosa presença da alteza real, o próprio imperador é apresentado como figura que se munia de ares superiores, isto é, de uma arrogância necessária ao seu papel de dirigente escolhido pela Providência.

Er selbst, der Kaiser, sah nur sich und seine Leistung. Tiefer Ernst versteinte seine Züge, sein Auge blitzte hin über die Tausende der von ihm gebannt. Er mass sich mit ihnen, der von Gott gesetzte Herr mit den empörerischen Knechten! Allein und

ungeschützt hatte er sich mitten hunter sie gewagt, stark nur durch seine Sendung. Sie konnten sich an ihm vergreifen, wenn es im Plan des Höchsten lag; er brachte sich seiner heiligen Sache sich selbst zum Opfer. War Gott mit ihm, dann solten sie es sehen! Dann bewahrten sie für immer das Gepräge seiner Tat und die Erinnerung an ihre Ohnmacht.

Aqui a narrativa começa a expor, numa situação concreta do cotidiano berlinense, a real situação da relação de poder entre as elites nobres, em estreita aliança com a burguesia nacional, com a massa de trabalhadores alemães. Ou seja, a narrativa revela, no fenômeno artístico, o fenômeno social que está armado. O episódio plasmado dentro da narrativa coloca em evidência, sob a forma de uma ameaça, de um temporal que se arma, uma nova tendência social em curso na Alemanha. O poder que tem o imperador, até mesmo o de se tornar invulnerável diante das massas famintas em tal situação, é o poder que lhe é atribuído por uma força divina, pela Providência divina. O narrador, que assume cada vez mais a ideologia que se faz dominante, compreende a situação pelo ponto de vista das classes dominantes, isto é, assume o ponto de vista do protagonista Diederich Hessling. Assim, os pensamentos que são vistos expressos no semblante sério e cortante do imperador revelam que os populares só não o agrediam por não “estar no plano Dele”. Para o narrador de *O súdito*, ele, o próprio imperador, se coloca como oferenda de sacrifício em sua missão sagrada. Portanto, sendo essa a vontade divina, a grandiosidade da sua atitude e a impotência do povo seriam ainda lembradas para sempre. É como se a narrativa apresentasse tal cena como prova de que o povo, à revelia do agravamento da situação econômica e social (ou, talvez, até mesmo por causa dele) se mostra disposto a seguir os “destinos luminosos” traçados por forças e classes sociais que estão acima da sua classe, às quais essa tarefa foi incumbida por forças superiores; melhor, um futuro que está para além de uma saída operada pelos próprios trabalhadores, que passa, sobretudo, pela via de um governo democrático. A Aristocracia aliada à burguesia apresenta, nesta cena do romance, uma espécie de barômetro de seu poder de manipular as massas trabalhadoras. Portanto, já estão disponíveis nesses anos as prerrogativas para o auto-engano do povo alemão. Mais tarde, quando Diederich já está em sua cidade natal Netzig, após um encontro quase fraternal, bastante exaltado, entre ele, o promotor público, o pastor da cidade e um oficial, ou seja, entre representantes de três poderes, burguesia, estado e clero, o herói se refere ao imperador (o que registra em telégrafo ao próprio) como “Instrumento de Deus”.

A cena em que o imperador se reúne aos manifestantes e ao povo em geral¹ é simbólica não só quanto ao problema da matéria social representada, mas também pela estrutura narrativa adotada

¹ Quando usamos aqui a noção de “povo em geral” consideramos que a narrativa leva em conta o conceito alemão de “Bürger”, pequenos burgueses, cidadãos “de classe média”, constituída em grande parte por pequenos proprietários e funcionários públicos.

por Heinrich Mann. O papel do narrador, com um tipo específico – apropriado – de foco narrativo, assume aqui uma importância estratégica no efeito estético produzido. Por isso queremos explorar um pouco mais a passagem acima referida.

Junta-se a essa cena das massas extasiadas pela presença iluminada do imperador, a aparição fugaz de uma personagem artística; aliás, o narrador o identifica apenas como “um jovem com chapéu de artista”, que, de repente, pode ser visto caminhando ao lado de Diederich. Se de início os desempregados, que se aglomeravam e eram arrastados pela torrente despersonalizada (“um mar turvo e sujo de miseráveis que avançava viscoso...”), gritavam Pão! Trabalho! e a polícia precisava controlá-los com empurrões e ameaças, a descoberta repentina da presença do próprio imperador em meio à multidão opera uma mudança radical no próprio estilo narrativo: o povo é tomado de um espírito solene, possuído por um estado de alma sublime, grandioso. Enquanto todos, encantados e sob o efeito de quem queria “mostrar a essa turba quem está com o poder!” gritam “Hurra! Hurra!” e consideram aquele um “momento histórico!”, aparece esse jovem artista, que pondera:

“Kennen wir. Napoleon in Moskau, wie er sich solo unter die Bevölkerung mischt”
(...) “Das isto doch grossartig!” Behauptet Diederich, und die Stimme versagte ihm.
Der andere zuckte de Achseln. “Theater, und nicht mal gut.” Diederich sah in na, er
versuchte zu blitzen wie der Kaiser. “Die sind wohl auch so einer.” (pp. 45/46)

Diederich vive uma situação inusitada, que se opõe às suas expectativas e, principalmente, simbolicamente, à tendência mais geral das massas fetichizadas e fanatizadas. Sua reação é violenta, típica dos homens de sua classe daquele período histórico.

Er hatte nicht sagen können, was für einer. Er fühlte nur, das ser hier, zum ersten mal im Leben, die gute Sache zu vertreten habe gegen feindliche Bemängelungen. Trotz seiner Aufregung sah er sich noch die Schultern des Menschen an: sie waren nicht breit. Auch äusserte sich die Umgebung missbilligend. Da ging Diederich vor. Mit seinem Bauch drängte er den Feind gegen die Mauer und schlug auf den Künstlerhut ein. Andere knuffen mit. Der Hut lag schon am Boden und bald auch der Mensch. Im Weitergehen bemerkte Diederich zu seinen Mitkämpfern: “Der hat sicher nicht gedient!”

Aqui Diederich, seguindo a multidão com orgulho fanático, vê todo seu entusiasmo patriota ameaçado por uma pessoa ressentida, um, por assim dizer “estraga prazeres”, um artista que não é capaz de conceder ao outro o gosto de um momento sublime. A cena termina de maneira patética: gritando “Viva! Viva!, Diederich se aproxima – sem se dar conta – demasiadamente de Guilherme

II, deixando-o atemorizado; mas, ao perceber que se aproximou tanto do imperador, também o herói estanca assustado e, escorregando, cai na lama da rua. É só então que o imperador percebe tratar-se de um simples e fiel súdito, e ri: “Da lachte der Kaiser. Der Mensch war ein Monarchist, ein treuer Untertan! Der Kaiser wandte sich nach seinen Begleitern um, schlug auf die Schenkel und lachte. Diederich aus seinem Tümpel sah ihm nach, den Mund noch offen.” (p.47)

A passagem do romance que se segue pode dar noção exata de como a covardia e truculência do protagonista pode ser justificada, e que ela representa apenas uma pequena demonstração exemplar daquilo que o povo deveria fazer com seu ‘inimigo interno’:

Der alte Herr mit Bartkoteletten und eisernem Kreuz war auch wieder da, er drückte Diederich die Hand. “Brav, junger Mann, brav!” “Soll man da nicht wütend werden?” erklärte Diederich, noch keuchend. “Wenn der Mensch uns den historischen Moment verekeln will?” “Sie haben gediente?” fragte der alte Herr. “Ich wäre am liebsten ganz dabeigeblichen”, sagte Diederich. Na já, Sedan ist nicht alle Tage” – der alte Herr betupfte sein eisernes Kreuz. “Das waren *wir!*” Diederich reckte sich, er zeigte auf das bezwungene Volk und den Kaiser. “Das ist doch gradesogut wie Sedan!” “Na já”, sagte der alte Herr. “Gestatten Sie mal, sehr geehrter Herr”, rief jemand und schwenkte sein Notizbuch. “Wir müssen das bringen. Stimmungsbild, verstehense? Sie haben wohl einen Genossen verwalkt?” “Kleinigkeit” – Diederich keuchte noch immer. “Meinetwegen könnte es jetzt gleich losgehen gegen de inneren Feind. Unsern Kaiser haben wir mit.” “Fein”, sagte der Reporter und schrieb: “In der wildbewegten Menge hörte man Leute aller Stände der treuersten Anhänglichkeit und dem unerschütterlichen Vertrauen zu der Allerhöchsten Person Ausdruck geben.” “Hurra!” schrie Diederich, denn alle schrien es; und inmitten eines mächtigen Stosses von Menschen, der schrie, gelangte er jäh bis unter das Brandenburger Tor. Zwei Schritte vor ihm ritt der Kaiser hindurch. Diederich konnte ihm das Gesciht sehen, in den steinernen Ernst und das Blitzen; aber ihm verschwamm es vor den Augen, so sehr er schrie.²

² Um senhor idoso, com suíças grisalhas e a cruz de ferro, também estava lá e apertou a mão de Diederich: — Bravo, jovem, bravo! — Não é de se perder a calma? — perguntou Diederich ainda ofegante. — Quando um sujeito como aquele quer estragar um momento tão solene. [. . .] — Permita-me, prezado senhor — alguém gritou, agitando seu bloco de notas. — Temos de noticiar isso. Como pano de fundo, sabe? O senhor surrou um companheiro? — Ninharia — Diederich ainda ofegava. — De minha parte poderíamos iniciar logo o combate ao inimigo interno. O nosso imperador já está conosco. — Ótimo — disse o repórter, e escreveu: ‘Na agitada multidão, ouviam-se de pessoas de todas as classes sociais manifestações da maior lealdade e de inabalável confiança no imperador’. — Viva! — gritava Diederich com todos. E em meio a essa avalanche de pessoas ele alcançou o Portão de Brandenburgo. Dois passos à sua frente cavalgava o imperador. Diederich podia ver-lhe o rosto, a sua fisionomia seria, o seu olhar faiscante; mas esta imagem se turvou a seus olhos de tanto que gritava. (T. n.)

Aos olhos de hoje, a atitude do herói pode parecer algo assustador e abominável, com todo o espírito bélico (comparado à selvageria da batalha de Sedan, da guerra franco-prussiana em 1870) que ele empenha contra um suposto “inimigo interno”. Mas trata-se, na verdade, de uma atitude que pertence àquele momento histórico concreto, àquele determinado momento do nosso passado, ou, para formular de um modo um pouco diferente, invertendo, que pertence à pré-história do nosso presente. É, portanto, uma atitude típica do homem burguês em crise, que, em situações concretas – econômicas e sociais – de crise, é capaz de tudo; atitude que pertence, portanto, a uma sociedade que continua em crise e que continua exigindo uma saída democrática para si, para sua crise. Se as atitudes do personagem são atitudes tipicamente alemãs, se elas pertencem ao passado, são também atuais, dramaticamente atuais.

O personagem pequeno-burguês Diederich Hessling, herói mediano criado para representar o dilema alemão, se encontra diante de uma iminente – pois objetivamente possível – e necessária transição democrática no país que acabara de obter sua unificação geopolítica. A necessidade dessa transição está na consciência dos setores intelectuais mais progressistas, entre os quais, os artistas; mas essa necessidade é recusada pelos setores reacionários e pelas massas dominadas por antigas tendências autoritárias, místicas e irracionistas.³

Aqui a atitude de Diederich corresponde, portanto, à de um herói mediano, que, diante de uma tendência democrática que começa a se esboçar com alguma vantagem (particularmente na cidade fictícia de Netzig), procura um caminho próprio, autêntico, como querem os “novos teutões” (“Neuteutonen” é o nome da taberna que, em Berlim, escolheu para beber). Ele se depara com a possibilidade de uma superação às avessas, retrógrada, a possibilidade de uma saída aristocrática para a crise capitalista, uma saída irrealista, irracional e mística; trata-se, entre os alemães, da possibilidade de apostar em uma solução autoritária. Como herói, assimila e representa, assim, o espírito reacionário dos setores pequeno-burgueses da Alemanha em crise. Trata-se, logo o leitor pode notar, de uma saída falsa, pois as elites monárquicas não esboçam qualquer interesse em dar ouvidos à pequena burguesia. É o que vimos na reação do imperador a cavalo, que ri estrondosamente quando do incidente com o subalterno Diederich.

Voltemos agora à questão da estrutura narrativa do romance, isto é, da opção de Heinrich Mann em construir um narrador em terceira pessoa, mas um narrador que tende a desafiar a inteligência e o caráter do leitor. Pois trata-se de um narrador sem qualquer pretensão a uma posição isenta, neutra, imparcial. Pelo contrário, em *O súdito* encontramos um tipo de narrador que parece

³ Como procuraremos expor adiante, essas tendências irracionistas têm origem nas filosofias de natureza reacionária, que recusam o avanço do método dialético, na contramão das correntes filosóficas racionalistas e das próprias ciências da natureza.

querer contaminar, seduzir e testar o leitor. Vejamos como isso se dá na construção narrativa da passagem abaixo:

Ein Rausch, höher und herrlicher als der, den das Bier vermittelt, hob ihn auf die Fussspitzen, trug ihn durch die Luft. Er schwenkte den Hut hoch über allen Köpfen, in einer Sphäre der begeisterten Raserei, durch einen Himmel, wo *unsere* äussersten Gefühle kreisen. Auf dem Pferd dort, unter dem Tor der siegreichen Einmärsche, und mit Zügen steinern und blitzend, ritt die Macht! Die Macht, die über *uns* hingeht und deren Hufe *wir* küssen! Die über Hunger, Trotz und Hohn hingeht! Gegen die *wir* nichts können, weil *wir* alle sie lieben! Die *wir* im Blut haben, weil *wir* die Unterwerfung darin haben! Ein Atom sind *wir* von ihr, ein verschwindendes Molekül von etwas, das sie ausgespuckt hat! Jeder Einzelne ein Nichts, steigen *wir* in gegliederten Massen als Neuteutonen, als Militär, Beamtentum, Kirche und Wissenschaft, als Wirtschaftsorganisation und Machteverbände kegelförmig hinan, bis dort oben, wo sie selbst steht, steinern und blitzend! Leben in ihr, haben teil an ihr, unerbittlich gegen die, die ihr ferner sind, und echt triumphierend, noch wenn sie *uns* zerschmettert: den so rechtfertigt sie *unsere* Liebe! (*Grifos nossos*)

Nota-se que o narrador descreve o momento de delírio do herói quando este, tomado pelo fascínio que o imperador cercado pela multidão lhe proporciona, caminha, inebriado, em meio a essa multidão, tornado parte dela, percebendo-se como um átomo dela, um nada. Mas, enquanto caminha, sente também que a somatória desses átomos insignificantes significa o próprio poder. Trata-se aqui, sem dúvida, de uma filosofia de vida que despreza o indivíduo etc. Mas notamos também que o narrador quer se apropriar das idéias do personagem em transe, e as socializa, por assim dizer, com nós, leitores. A partir da terceira linha desta passagem, o narrador se inclui no delírio, e nos inclui, já que passa a utilizar a primeira pessoa do plural. Quando o narrador assume que aqueles sentimentos pertencem a *nós*, que *somos nós* que beijamos os cascos do poder, que *somos nós* os impotentes, que *somos*, cada qual, um nada etc., sentimo-nos como que confundidos ou enojados por tentarem nos confundir com os outros, os culpados, por estarmos freqüentando o mesmo espaço que eles, o mesmo mundo deles. Essa função contagiante parece estar intimamente integrada à estrutura da narrativa. Ma qual será mesmo o efeito causado por este recurso da narração? Parece-nos um tanto leviana a nossa especulação, e é provável que seja mesmo equivocada. Mas, se serve como testemunho, o autor destas linhas, ao iniciar a leitura de *O súdito*, se deparou com uma forte, inexplicável, resistência interna, uma espécie de angústia imobilizadora, pois parecia que o estado de coisas do mundo narrado e descrito não podia ser verdadeiro. No máximo, ele poderia pertencer a um mundo outro, o mundo da ficção; portanto, a primeira

impressão era que o mundo narrado revelava algo inconfessável. Mas, na medida em que se avançou na leitura, aquele mundo se tronava cada vez mais familiar, e a sensação inicial apenas se fortalecia: tudo ali parecia estar contaminado, contagiado, impregnado dessa ordem de anulação do indivíduo, desse imperativo de um universal absoluto e impessoal, desprovido possibilidades de vontades individuais, singulares, portanto, de um universal abstrato, despersonalizado, inumano.

A leitura do romance parece, apesar de toda a lucidez ali presente, nos fazer deparar com o mundo das negativas. A ponto de se poder duvidar sobre a possibilidade de um universal humano. E será que o romance de Heinrich Mann não adotaria assim uma espécie de negativismo orgânico, já que a obra carrega em sua estrutura orgânica um pessimismo contagiante? A discussão entre os Irmãos Mann não deve ser tomada como conclusiva, mas talvez há de fato alguma diferença metodológica em sua produção literária. Heinrich Mann admirava os naturalistas franceses como Flaubert e Zola, o seu engajamento político extraliterário. Mas é possível notar que ele, em grande medida, supera objetivamente (e intencionalmente) o naturalismo. Essa superação não é algo facilmente perceptível em sua evolução literária; e ela tem, sobretudo, uma razão objetiva e está em íntima relação com os desenvolvimentos do período do império Guilhermino. Assim, as mudanças operadas no interior dos seus romances se relacionam, por exemplo, com as crises econômicas e sociais do período em questão, inclusive com as superações dessas crises. Antes do início da Primeira Grande Guerra, a relativa estabilidade econômica e social da Alemanha afasta temporariamente os temores ou as esperanças de uma sublevação revolucionária. Instaure-se aquilo que a crítica burguesa moderna chamaria mais tarde de período da ‘*Sekurität*’.

Mas temos aqui como foco outra questão, situar a produção literária de Heinrich Mann, em particular de *O súdito*, no contexto de uma Alemanha imperialista e pré-fascista. Trata-se de um contexto histórico complexo e que, sem dúvida, também deve ser entendido como fenômeno internacional, ligado ao desenvolvimento das forças produtivas sob o modo de produção capitalista. É claro que na Alemanha tal fenômeno se apresenta de modo mais agudo, pois a sua história política se articular intimamente ao pensamento irracionalista, isto é, ao irracionalismo romântico e místico. Assim, é na Alemanha que o fenômeno artístico se apresenta de modo tão problemático, é nela que ocorre de modo mais desafiador a exigência de uma arte capaz de desmistificar as formas sociais fetichizadas.

Tais formas sociais, tais tendências políticas, francamente reacionárias, são incorporadas pelo romance de Heinrich Mann em alguns diálogos que precisamos recuperar. Diante da ameaça de uma “sublevação” proletária, que na verdade não passa de uma reestruturação democrática da ordem burguesa, os amigos de Diederich estão analisando o terreno político para preparar algo parecido com uma radicalização conservadora.

Man schwieg ein Weile und betrachtete einander. Jadassohn blies durch die Nase, als genügte ihm das Gehörte. Aber Diederich konnte nicht länger an sich halten. “Die Vorfrucht der Sozialdemokratie ist der Liberalismus!” rief er. “Solche Leute wie Buck, Kühlemann und Eugen Richter machen unsere Arbeiter frech. Mein Betrieb legt mir die schwersten Opfer an Arbeit und Verantwortung auf, und dann habe ich noch Konflikte mit meinen Lueten. Und warum? Weil wir nicht eineig sind gegen die rote Gefahr und es gewisse Arbeiter gibt, die um sozialistischem Fahrwasser schwimmen, wie zum Beispiel der Schwiegersohn des Herrn Buck. Was seine Fabrik einbringt, daran beteiligt der Herr Lauer seine Arbeiter. Das ist unmoralisch!” Hier blitzte Diederich. “denn ES untergräbt die Ordnung, und ich stehe auf dem Standpunkt, in dieser harten Zeit haben wir Ordnung nötiger als je, und darum brauchen wir ein festes Regiment, wie unser herrlicher junger Kaiser es führt. Ich erkläre, dass ich im allem fest zu Seiner Majestät stehe...” (p. 95)

O processo de preparação de um movimento reacionário está sendo preparado ideologicamente pelos personagens reunidos na casa do prefeito da cidade. A ideologia tacanha da pequena burguesia é alvo de dura crítica por parte da narrativa, aqui um tanto a serviço da descrição de perfis ideológicos e políticos. Nos deparamos, na medida em que avança o romance, com uma série de episódios destinados a descrever homens com posições políticas opostas, cenas que representam tipos humanos estereotipados, fixos, predestinados a cumprir determinado papel social na sociedade e nos possíveis processo políticos que se apresentam no horizonte da história alemã. Somos apresentados lentamente a um grande painel social de tipos humanos, cada qual representando um caráter específico. Mas eles parecem incapazes de refletir sobre o próprio processo histórico em que se encontram. Representam uma posição e se situam, portanto, deste ou daquele lado. Em determinado momento chegam a uma tese, da qual tomamos conhecimento: “Die Vorfrucht der Sozialdemokratie ist der Liberalismus!” (“O liberalismo é a ante-sala da socialdemocracia”) Outras afirmativas classificam os homens na cidade de Netzig: “Solche Leute wie Buck, Kühlemann und Eugen Richter machen unsere Arbeiter frech” (“Homen como Buck, Kühlemann e Eugen Richter fazem com que nosso operários fiquem atrevidos”). Uma grande variedade de constatações sociológicas são alinhadas ao longo da narrativa, que parece servir apenas para encadear descrições sucessivas.

Se considerarmos as reflexões de Lukács sobre os métodos narrativos e descritivos, somos tentados a classificar a obra de Heinrich Mann no espectro das obras naturalistas, do tipo semelhante ao de um Zolá, que quer, por via da literatura, denunciar determinado quadro social e político. O efeito que essa literatura exerce é sem dúvida forte, uma crítica arrasadora do homem

alemão, descrição precisa, aguda e destruidora. Um tratado sociológico a respeito da situação do povo alemão no período pré-fascista.

II.

No capítulo introdutório de *Die Zerstörung der Vernunft*, (“A destruição da razão”) Lukács procura situar alguns pressupostos centrais para a investigação do fenômeno ideológico místico-irracionalista que se instaurou com força na história imperialista da Alemanha e que a levaria de um militarismo “glorioso”, orgulhoso, ao fascismo e à obediência cega nos campos de extermínio. Diz Lukács:

Die Geschichte der Philosophie ist, ebenso wie die der Kunst und der Literatur, nie - wie ihre bürgerlichen Historiker meinen - einfach eine Geschichte philosophischer Ideen oder gar Persönlichkeiten. Die Probleme und Lösungsrichtungen für die Philosophie werden von der Entwicklung der Produktivkräfte, von der gesellschaftlichen Entwicklung, von der Entfaltung der Klassenkämpfe gestellt.⁴

Lukács quer apresentar aqui o pressuposto fundamental do seu método investigativo, do método dialético materialista: a primazia do econômico, da vida material. Isso quer dizer que as origens e os traços fundantes de qualquer ideologia e pensamento histórico não podem ser compreendidos se não se levar em conta as forças motrizes primárias. O filósofo húngaro parte aqui do primeiro pressuposto: a impossibilidade de um conhecimento pretensamente imanente da filosofia. Essa seria, portanto, uma tentativa vã dos historiadores da filosofia, o de procurar investigar cada fenômeno filosófico, mesmo que compreendido de modo cronológico, como fenômenos autônomos, desligados da produção material dos homens. São, ainda hoje, tentativas vãs (no mínimo), na medida em que produzem uma distorção idealista, mesmo quando esses historiadores empenham um enorme esforço, subjetivo, para não se esquecerem de algum dado objetivo. Trata-se, nesse caso, de um esforço positivista, cientificista, que procura abarcar o real em sua vastidão, mas sem apreender-lhe as suas leis gerais, sem atribuir a esse real o caráter de resultado do trabalho histórico e ontológico de seres sociais racionais.

⁴ “A história da filosofia, assim como a da arte e a da literatura, nunca é – como acreditam seus historiadores burgueses – a história das ideias filosóficas ou até mesmo das personalidades que as sustentam. Os problemas e o direcionamento de soluções para a filosofia são colocados pelo desenvolvimento das forças produtivas, pelo desenvolvimento social, pelo desdobramento das lutas de classe”. (T.N.)

Mas Lukács também chama a atenção para o risco de se cometer erro diametralmente oposto:

Daraus folgt keineswegs, wie die Vulgarisatoren meinen, eine Vernachlässigung der rein philosophischen Probleme. Im Gegenteil. Erst in einem solchen Zusammenhang kann der Unterschied zwischen wichtigen Fragen von dauernder Bedeutung und unwesentlichen, professoralen Nuancendifferenzen klar hervortreten. Gerade der Weg vom sozialen Leben ins soziale Leben gibt den philosophischen Gedanken ihre eigentliche Spannweite, bestimmt ihre Tiefe, auch im eng philosophischen Sinne.⁵

Mas Lukács, nesta obra (obra que lhe rendeu opositores raivosos por não excluir do seu exame crítico nomes de peso, ainda reverenciados, como Kierkegaard, Nietzsche e Heidegger, entre outros) quer deixar claro também que a natureza e a finalidade (o pôr teleológico) de todo trabalho filosófico é o de pensar (teleologicamente) o seu mundo concreto, histórico, de nele situar-se, de apontar nele e para ele problemas e possibilidades de superação. Já no primeiro capítulo – introdutório – de “A destruição da razão”, em que o pensador húngaro examina as origens filosófico-históricas do irracionalismo e do fenômeno fascista na Alemanha, ele responsabiliza os filósofos pelas conseqüências políticas que suas teorias produziram, ou ajudaram a produzir, cada um em maior ou menor medida. É nesse sentido que ele esclarece:

Dabei ist es eine durchaus sekundäre Frage, wie weit sich die einzelnen Denker dieser ihrer Position, dieser ihrer gesellschaftlich-geschichtlichen Funktion bewußt sind. Auch in der Philosophie wird nicht über Gesinnungen, sondern über Taten – über objektivierten Gedankenausdruck, über dessen historisch notwendige Wirksamkeit – abgestimmt. Jeder Denker ist in diesem Sinn für den objektiven Gehalt seines Philosophierens vor der Geschichte verantwortlich.⁶

Desse forma, o que chama a nossa atenção no exaustivo estudo de Lukács sobre as origens e as características filosóficas do irracionalismo alemão é que esse tema e essa investigação é capaz

⁵ “Disso não se deduz de modo algum, como acreditam os vulgarizadores, que se possam negligenciar os problemas propriamente filosóficos. Ao contrário. Somente nesse contexto é possível aparecer diferença entre as questões de fato importantes, de significado permanente e aquelas divergências professorais sutis e de pouca importância. Precisamente o caminho que parte da vida social para levar de volta à vida social confere ao pensamento filosófico a envergadura que lhe é própria, determina sua profundidade, até mesmo no sentido estritamente filosófico”. (T. n.)

⁶ Apesar disso, trata-se de uma questão inteiramente secundária até que ponto cada um dos pensadores está consciente dessa sua posição, dessa sua função histórico-social. Tampouco se julga na filosofia a intenção; julgam-se fatos – a expressão objetivada do pensamento, a sua eficácia historicamente necessária. Todo pensador é, nesse sentido, responsável diante da história pelo conteúdo objetivo de seu ato filosófico. (T. n.)

de nos levar à compreensão da trajetória da Alemanha para Hitler. Lukács procura examinar as determinações objetivas e subjetivas dessa trajetória no terreno da filosofia. Ou seja, vale repetir, a filosofia como reflexo pensado do real desenvolvimento da Alemanha, como processo histórico objetivo, pensado, refletido, criticado e consentido. Esse processo, que remonta ao romantismo alemão, terá conseqüências mais drásticas e trágicas, na história e na filosofia alemãs, após as revoltas operárias de junho de 1848, a guerra franco-prussiana; ele se concretiza de modo muito mais agudo, enfim, entre Guilherme II e Hitler. Por isso é que o estudo de Lukács e sua posição dura em relação ao papel histórico da filosofia o leva a afirmar que:

Daß wir uns also auf die Darstellung dieses abstraktesten Teils der Entwicklung beschränken, beinhaltet keineswegs ein Überschätzen der Bedeutung der Philosophie in der bewegten Totalität der realen Entwicklung. Es ist aber, so glauben wir, nicht überflüssig hinzuzufügen, daß ein Unterschätzen der weltanschaulichen Momente zumindest ebenso gefährlich, ebensowenig der Wirklichkeit entsprechend wäre.⁷

Na trajetória da Alemanha para Hitler, no caminho real em que se reflete na filosofia, Lukács investiga como formulações filosóficas puderam impulsionar esse processo trágico.

Will man also die Entwicklung der deutschen irrationalistischen Philosophie richtig verstehen, so muß man diese Momente stets in ihrer Zusammengehörigkeit festhalten: die Abhängigkeit der Entwicklung des Irrationalismus von den entscheidenden Klassenkämpfen in Deutschland und in der ganzen Welt, was natürlich die Ablehnung einer »immanenten« Entwicklung in sich schließt, die Einheitlichkeit der Inhalte und Methoden bei einer ununterbrochenen Verengung des Spielraums für eine wirkliche philosophische Entfaltung, was die Steigerung der apologetischen und demagogischen Tendenzen befördern muß, und endlich als Folge: das notwendige, ständige, rapide Sinken des philosophischen Niveaus. Nur so wird es verständlich, wie bei Hitler die demagogische Popularisierung aller Gedankenmotive der entschiedenen philosophischen Reaktion zustande kam, die ideologische und politische »Krönung« der Entwicklung des Irrationalismus.⁸

⁷ O fato de nos restringirmos à representação dessa parte mais abstrata do desenvolvimento não significa de modo algum que superestimamos a importância da filosofia na totalidade móvel do real desenvolvimento. Mas também acreditamos, não seria demais acrescentar, que subestimar a movimentação ideológica desse momento histórico seria no mínimo igualmente perigoso, e tampouco corresponderia à realidade. (T. n.)

⁸ Se quisermos entender corretamente o desenvolvimento da filosofia irracionalista alemã, então será necessário considerar sempre presentes e em seu conjunto os seguintes fatores: a dependência do desenvolvimento do

Acreditamos que esse fato pertence às páginas mais vergonhosas da história alemã. Por isso mesmo ela precisa ser estudada a fundo, para que os alemães as superem radicalmente e possam – com energia – evitar sua perpetuação ou seu retorno. O povo de Dürer e Thomas Münzer, de Goethe e Karl Marx tem tanta grandeza em seu passado, tão grandes perspectivas para o seu futuro, que ele não tem motivo para se assustar perante um implacável acerto de contas com um passado perigoso e sua herança nociva, ameaçadora.

BIBLIOGRAFIA:

MANN, Heinrich. *Der Untertan*. Roman. Dtv: München, 1966.

LUKÁCS, Georg. *Die Zerstörung der Vernunft*. Aufbau-Verlag Berlin, 1954.

irracionalismo em relação às lutas de classes decisivas na Alemanha e em todo o mundo, o que naturalmente pressupõe a recusa de um desenvolvimento “imaneante”; o caráter unitário de conteúdos e métodos enquanto se dá um constante estreitamento do espaço para um debate filosófico verdadeiro, o que leva ao recrudescimento das tendências apologéticas e demagógicas; e, por fim, como consequência: a queda necessária, permanente e rápida do nível filosófico. Só assim se torna possível compreender como se deu, com Hitler, a popularização demagógica de todos os motivos de pensamento da decisiva reação filosófica, o coroamento ideológico e político do desenvolvimento do irracionalismo. (T. n.)